



## *Lengua labrada*

# **Anti estrangeirismo**

Maria Ivonete Santos Silva

*Universidade Federal de Uberlândia - UFU*

### **Resumo**

O prefixo anti e o sufixo ismo incorporados ao vocábulo antiestrangeirismo redundam na dupla negação do fenômeno sociocultural e linguístico denominado estrangeirismo. Este, por sua vez, se reporta a outro vocábulo: estrangeiro, cuja raiz de onde se originaram os termos acima descritos recupera, por meio de uma historicidade perpassada por situações de conflito, um conjunto de outros termos designativos daquilo ou daquele que é de fora, que não pertence àquele país ou àquela comunidade, portanto, daquilo que é estranho. Neste ensaio, buscou-se analisar o vocábulo objeto deste estudo a partir do percurso trilhado pelo fenômeno que deu origem à “palavra-raiz”, estrangeiro, passando, em seguida, pela palavra sufixada, estrangeirismo, para, finalmente, chegar à palavra prefixada e sufixada, antiestrangeirismo. A ideia é oferecer aos interessados nos estudos sobre os fenômenos da linguagem elementos históricos e teórico-críticos que possam subsidiar uma ampla reflexão sobre o vocábulo em questão, bem como proporcionar o entendimento das implicações político-ideológicas que lhes são inerentes.

### **Palavras-chave**

Anti estrangeirismo, estrangeirismo, estrangeiro, estranho, nacionalismo, xenofobia.



Mirada que refleja nuestra esencia 3. Fotografía de Miguel Murillo (fragmento).

## Antiextranjerismo

### Resumen

El prefijo anti y el sufijo ismo, incorporados al vocablo antiextranjerismo, redundan en la doble negación del fenómeno sociocultural y lingüístico que se denomina extranjerismo. Éste, a su vez, se remite a otro vocablo: extranjero, cuya raíz de donde se originaron los términos ya descritos, recupera a través de una historicidad traspasada por situaciones de conflicto, un conjunto de otros términos designativos de aquello que viene de afuera, que no pertenece a aquel país o aquella comunidad; por tanto, aquello que es extraño. En este ensayo se busca analizar el vocablo objeto de este estudio a partir del trayecto recorrido por el fenómeno que dio origen a la palabra-raíz: extranjero, pasando enseguida por la palabra sufijada, extranjerismo, para por fin llegar a la palabra prefijada y sufijada: *antiextranjerismo*. La idea es ofrecer, a los interesados en los estudios del fenómeno del lenguaje, elementos históricos y teórico-críticos que puedan subsidiar una amplia reflexión sobre el vocablo, así como proporcionar el entendimiento de las implicaciones político-ideológicas inherentes.

## **Palabras clave**

Antiextranjerismo, extranjerismo, extranjero, extraño, nacionalismo, xenofobia.

## **Introdução**

**D**esde tempos imemoriais, as comunidades primitivas, nômade e quase sempre beligerantes, demonstravam indisposição para o acolhimento daquele ou daquilo que, por diferentes razões, não se integrava ao “espírito” do grupo. A língua, os costumes, as crenças, assim como os valores atribuídos às experiências que se reportavam a uma ancestralidade inquestionável, diante do outro, daquele que veio de fora, resultavam em atitudes de desconfiança ou em acirrados conflitos. Historicamente, e de maneira geral, a simples presença do outro se constituía em uma ameaça, explícita ou velada, haja vista que o seu não pertencimento ao grupo era um indicativo de que a ordem estabelecida poderia ser rompida a qualquer momento. Assim, o outro, o estrangeiro, aquele que é natural de outro país, portanto, aquele que é estranho à comunidade, sempre foi rechaçado e malvisto, à exceção dos casos em que esse outro alcançava a admiração e o respeito devido à sua capacidade para realizar façanhas extraordinárias ou por demonstrar qualidades superiores aos demais membros do grupo ou comunidade.

## **Histórico**

Na mais remota antiguidade, as narrativas orais, incluindo os hinos sagrados e as grandes epopeias, cantavam a bravura do herói destemido ou do sábio que enfrentava situações de incomensuráveis perigos para libertar comunidades primitivas e indefesas, de monstros terríveis ou de situações de opressão em relação a outros povos. Pouco importava que sua língua, seus costumes e suas crenças religiosas fossem distintos daqueles da comunidade, considerando que os feitos extraordinários sempre sobrepassavam o estigma da diferença ou do estranhamento. Assim, o fato de ser estrangeiro não se constituía em impedimento para que ele fosse amado, glorificado e eternizado através das lendas e dos mitos.



Do mesmo modo o poeta, cuja atividade se confundia com a do autor (autócrita) ou com a do historiador (histor) de textos narrativos posteriormente considerados canônicos, não sofria discriminação ou preconceito, haja vista a qualidade de “sábio”, naturalmente atribuída pelas comunidades primitivas àqueles que detinham o conhecimento, compensar a falta ou a falha por ser estrangeiro. Sendo assim, considerações de caráter não meritório ou depreciativo não eram levadas em conta quando a pessoa a ser submetida a julgamento era o sábio, o filólogo ou o poeta.

### O vocábulo estrangeirismo

Estudos mais recentes indicam que o vocábulo estrangeiro propriamente dito se refere à palavra francesa *étranger*, cuja origem vem de *estrangere*, predominante até o século XII, uma vez que, com o passar do tempo, e em face dos agentes causadores das transformações das línguas, o -s- foi suprimido; em seu lugar surgiu o acento agudo no início da palavra *étranger*. Além de suscitar conexões e desdobramentos com vocábulos de outras línguas, a palavra *étranger* (adjetivo e substantivo masculino) tem a sua origem mais precisamente vinculada ao termo *extranĕus*, que no latim significa “estranho”, “de fora”, “não familiar”. A título de ilustração, vale lembrar que a palavra grega *ξένος* (*xénos*, *ksénos*) está na raiz da palavra *xenofobia*, que significa “medo de estrangeiros”.

### O fenômeno linguístico

O fenômeno linguístico estrangeirismo, enquanto influência decorrente das relações desencadeadas pela presença do estrangeiro, é acolhido pelos estudiosos sob duas óticas ou perspectivas distintas: uma que o define pelo uso de palavras, expressões ou construções estrangeiras que tenham ou não equivalentes em uma determinada língua de origem, e outra que considera estrangeirismo, apenas, o uso indiscriminado de palavras, expressões ou construções estrangeiras quando estas não levam em conta a existência de vocábulos equivalentes na língua de origem.

Na medida em que significa a incorporação de palavras estrangeiras ao léxico de um determinado idioma, o fenômeno es-

trangeirismo remonta a tempos remotos (ou remotíssimos), tendo em vista que, por imitação, contaminação ou modismo, o homem sempre recorreu ao uso de palavras estrangeiras para expressar distintas situações, concretas ou subjetivas, estabelecendo, desse modo, conexões como os substratos, superestratos, adstratos e com os chamados “empréstimos linguísticos”.

## **Substratos, superestratos e adstratos linguísticos**

Devido à intrínseca relação dos substratos, superestratos, adstratos, empréstimos linguísticos e estrangeirismos com o tema do presente estudo, a abordagem de tais fenômenos, ainda que de forma sucinta, torna-se imprescindível, considerando-se a importância e a influência que eles exercem até hoje nas questões linguísticas, especialmente no que concerne à compreensão dos fatores que justificam a intensificação da carga semântico-ideológica atribuída ao vocábulo antiestrangeirismo.

No livro *Elementos de Filologia Românica* (2001), o filólogo e professor Bruno Fregni Bassetto, ao abordar o processo de formação das línguas românicas ou neolatinas explica que, durante o período das grandes conquistas e, conseqüentemente, da expansão territorial dos domínios da România, após a fase de bilinguismo, isto é, a fase “em que dominadores e dominados continuam a usar seu próprio idioma por período de tempo muito variável, sobretudo se não houver disposição do dominador de impor ao dominado sua própria língua, como aconteceu com os romanos” (Bassetto, 2001: 152), segue-se a fase dos substratos linguísticos. Tal fenômeno, segundo Bassetto, implica na imposição da língua de maior prestígio cultural e político sobre a de menor prestígio. Em conseqüência, esta tende a perder seus falantes que, ao adotarem a língua do “outro”, acabam por restringir o uso da língua materna às regiões periféricas e rurais, provocando, na maioria das vezes, o seu desaparecimento. Assim, recorrendo à definição que foi cunhada por Graziadio Isaia Ascoli e logo adotada por Alberto Schleicher e Matteo Bartoli, Bassetto esclarece: os substratos são “as marcas linguísticas advindas do povo que abandona seu idioma, levadas para a língua que passa a adotar” (Bassetto, 2001: 153).



A complexidade dos substratos linguísticos, como sugerem os estudos de Bassetto, ultrapassa as simples determinações espaciais e temporais, uma vez que a sua ação “depende de causas sociais, políticas, históricas e estilísticas – estas últimas segundo tendências populares à simplicidade ou ao descuido, ou mesmo cultas em busca de aprimoramento ou purismo” (Bassetto, 2001: 153). Em alguns casos, adverte Bassetto, pode acontecer de os estudos que tratam da evolução das línguas não conseguirem explicar determinados termos, como, por exemplo, aqueles designativos de animais, plantas, configurações geográficas etc., indicando ou sugerindo a existência de um termo anterior, a que se denominou substrato.

Sobre os superestratos linguísticos, terminologia criada por Walter von Wartburg para designar “os vestígios e as influências de um povo no idioma do dominado, idioma que passa a ser usado por ambos” (Bassetto, 2001: 157), Bassetto chama atenção para aquilo que caracteriza a sua principal diferença, ou seja, a não substituição da língua do povo dominado, muito embora “[a]qui também os fatores determinantes para a sobrevivência da língua remanescente [sejam] o maior prestígio cultural e o desenvolvimento linguístico” (Bassetto, 2001: 157).

Considerando a não substituição da língua, as implicações dos superestratos linguísticos em uma determinada língua residem na multiplicidade de vocábulos de outros idiomas, portanto, vocábulos de origem estrangeira, que passam a integrar gradativamente o idioma do povo dominado devido às inúmeras situações de contato entre os diferentes povos. Sobre este assunto, gramáticos, filólogos e linguistas são unânimes ao destacar a influência de situações externas que interferem nos fenômenos linguísticos modificando a língua internamente, quais sejam: acontecimentos históricos de relevante peso político-social; invasões, conquistas territoriais, situações prolongadas de ocupação decorrentes de guerras; mudanças climáticas provocadas por fenômenos da natureza, entre outros.

Com relação aos adstratos linguísticos, Bassetto retoma a definição de Mattoso Câmara, em seu Dicionário de Filologia e Gramática (1970), que descreve tais fenômenos como sendo aqueles nos quais a reciprocidade de influências entre duas línguas assegura uma fonte permanente de “empréstimos”. Em outras palavras, e por

definição, adstrato é “toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos” (Bassetto, 2001: 163).

São inúmeras as situações nas quais a reciprocidade de influências linguísticas pode ocorrer. No entanto, para a caracterização do fenômeno adstrato, segundo Bassetto, basta que dois povos de idiomas diferentes sejam vizinhos e que mantenham qualquer tipo de relacionamento. Nesta modalidade de adstrato, a contiguidade geográfica torna-se fator determinante na consolidação do fenômeno.

## **Empréstimos linguísticos x estrangeirismos**

A partir da análise dos substratos, superestratos e adstratos linguísticos, outros desdobramentos, ainda provenientes de situações de contato entre povos de idiomas distintos, resultaram (e resultam até hoje) nos chamados empréstimos linguísticos e nos estrangeirismos. Tais fenômenos apresentam características muito próximas no tocante à inserção de vocábulos estrangeiros no léxico de um determinado idioma; no entanto, especificidades apontadas por alguns estudiosos os tornam diametralmente opostos, sobretudo quando o campo semântico de alguns vocábulos enseja o aparecimento de marcas ideológicas. Nesse sentido, a influência e a intensidade advindas de uma língua de maior prestígio cultural, quando assimiladas por outra de menor prestígio sem a devida preocupação com questões de natureza histórica e político-cultural, revertem em problemas identitários, revelando marcas ideológicas de inadmissível submissão de um idioma em relação a outro.

Muito embora existam divergências por parte de alguns estudiosos quanto à terminologia empréstimos linguísticos, estes, quando se reportam ao fenômeno propriamente dito reafirmam, com naturalidade, o processo de transformação de uma língua que, em contato com outra(s), sofre modificações ou acréscimos em seu léxico. Tais modificações ocorrem devido à incorporação de palavras estrangeiras que melhor traduzem a necessidade de determinados povos para designar coisas, comportamentos e sentimentos que, em suas línguas de origem, ainda não encontram palavras ou expressões correspondentes. Assim, independentemente das con-



trovérias desencadeadas pela unilateralidade do termo, é inerente ao conceito de empréstimos linguísticos o caráter suplementar das palavras estrangeiras que, de fato, são palavras “emprestadas” (e não devolvidas) de outros idiomas para suprir as falhas ou preencher as “lacunas” de determinadas línguas.

Quanto aos estrangeirismos, atribuí-se ao uso indiscriminado de palavras estrangeiras em detrimento de outras de igual significação e já existentes no idioma de origem —este erroneamente considerado de menor prestígio cultural—, um lastro político-ideológico geralmente pautado na história de processos civilizatórios marcados por severas restrições a uma postura de respeito e de admissibilidade da cultura do colonizado. Em consequência, na relação colonizador/colonizado, este último, em face de ostensivas estratégias de dominação, sente-se obrigado a abrir mão de seus princípios e valores, inclusive da sua própria língua, em favor do outro, o colonizador.

Convém frisar que, na maioria dos casos, mesmo reconhecendo a existência de um divisor de águas entre empréstimos linguísticos e estrangeirismos, o tema da “diferença” que caracteriza tais fenômenos ainda é bastante polêmico devido ao posicionamento de estudiosos que, diante dos acontecimentos históricos mais recentes e, sobretudo, dos efeitos da globalização/mundialização no processo de transformação das línguas, se mantêm cautelosos quanto à emissão de “pareceres” muito contundentes. A grande maioria desses estudiosos, favorável a uma visão mais flexível dos fenômenos da linguagem, condena o exagero e o rigor de algumas considerações provenientes de pessoas não especializadas que diretamente vinculam ao tema estrangeirismo questões de natureza político-ideológica decorrentes de interpretações equivocadas acerca do atual contexto mundial.

### **Anti estrangeirismo ou movimento de resistência aos estrangeirismos**

O prefixo grego anti, que suscita a ideia de oposição, contrariedade e direção oposta, quando incorporado ao vocábulo estrangeirismo (anti + estrangeirismo = antiestrangeirismo), de imediato denota um movimento de resistência ou de não aceitação das transfor-



mações que pode uma língua sofrer devido às situações de contato entre culturas e idiomas distintos. Considerando que, desde a mais remota antiguidade, tais situações sempre existiram e, ainda, considerando que os estudos sobre os estrangeirismos não apresentam um único conceito, tampouco um único posicionamento sobre os efeitos negativos que o fenômeno propriamente dito pode causar na língua que os recebe, é de se estranhar que, em pleno século XX, movimentos aparentemente isolados mas, com força argumentativa capaz de disseminar ideias intempestivas e completamente defasadas, tenham surgido com o propósito de identificar “focos” de iminente perigo — o que em primeira e última instância justificaria atitudes de defesa e de preservação de bens e valores já consolidados pela sociedade.

Muitos são os estudiosos que se debruçaram sobre este assunto, publicaram importantes trabalhos e ofereceram, como possibilidade de interpretação daquela conjuntura política internacional, pressupostos e fundamentos científicos provenientes de áreas muito específicas do saber.

O historiador inglês Eric Hobsbawm, em seu livro *Nações e nacionalismo desde 1780* (1990), apresenta uma interessante análise da sociedade moderna e do estado de perplexidade dos indivíduos que, diante da celeridade das transformações operadas em todo o mundo, sobretudo a partir do final do século XIX e do início do século XX, sentem-se no dever de encontrar justificativas plausíveis para a manutenção de determinadas práticas político-sociais capazes de assegurar valores simbólicos imaginariamente ameaçados pela nova ordem mundial.

Também o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov, em seu livro *Memórias do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX* (2002), ao confrontar totalitarismo e democracia, regimes políticos que se opõem radicalmente quanto ao discurso sobre “autonomia”, chama atenção para os perigos das soluções absolutas, nas quais a individualidade dos sujeitos se dilui em favor do bem comum da coletividade. Humanista e defensor de uma democracia liberal, Todorov afirma que o totalitarismo faz uso de um conceito de “autonomia coletiva” como mero discurso, tendo em vista que o ideal de justiça, entendido como ética, não faz parte de seus pressupostos políticos nem de suas práticas sociais fortemente marcadas



por conteúdos ideológicos. O totalitarismo, argumenta o filósofo, “contém uma promessa de plenitude, de vida harmoniosa e de felicidade. É verdade que ele não a cumpre, mas a promessa continua ali, e sempre podemos pensar que a próxima vez será a boa [esse é o discurso dos defensores do totalitarismo comunista até os dias de hoje], e que seremos salvos” (Todorov, 2002: 30). Em contrapartida a democracia liberal, segundo Todorov, não promete a salvação, mas induz os sujeitos a buscarem por si mesmos a felicidade, a harmonia e a plenitude, além de garantir a tranquilidade e a participação dos cidadãos na condução dos assuntos públicos, bem como a justiça deles entre si e deles em relação ao Estado.

O ponto de contato entre as inúmeras análises apresentadas pelos estudiosos sobre o século XX, sobretudo pelos dois acima mencionados, ocorre na medida em que ambos demonstram preocupação com as estratégias de inculcação de “ideias perigosas”, muitas vezes utilizadas por grupos políticos como bandeiras de luta em prol da sociedade, mas que escondem a sua verdadeira finalidade: o cerceamento da autonomia dos sujeitos.

No Brasil, o professor e pesquisador John Robert Schmitz, em meio a vários estudos sobre Tradução e Lexicografia, no final dos anos 90 do século passado e início dos anos 2000, apresentou uma série de ensaios que, na época de sua publicação, tinham como objetivo subsidiar as discussões em torno do polêmico Projeto de Lei nº 1676/1999, de autoria do Deputado Aldo Rebelo. Este visava a aprovação de uma lei cujo principal objetivo era combater e punir, por meio de sanções judiciais, o uso dos estrangeirismos em todo o território nacional.

A inadequação e a fragilidade dos argumentos apresentados pelo Deputado no seu Projeto de Lei logo desencadearam nos meios acadêmicos, bem como junto à classe intelectual de todo o país, uma onda de acirrados debates contra a aprovação do referido projeto, que tinha como lastro pressupostos voltados para a retomada de um nacionalismo ultrapassado e “fora do lugar”. Em uma de suas declarações à imprensa, o próprio Deputado chegou a admitir que a elaboração do tal projeto teve como “inspiração” um movimento francês que, na época, também visava “proteger” a língua dos estrangeirismos.

Neste contexto, e em face da postura notadamente pautada em questões político-ideológicas partidárias, o projeto do Deputado Aldo Rebelo não obteve o êxito esperado, muito embora as ideias de um nacionalismo exacerbado continuassem na “ordem do dia” dos debates acadêmicos, motivando vários setores da sociedade a se posicionarem sobre o assunto.

Marilena Chaui, em seu livro *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária* (2000), aponta o grande equívoco das interpretações que, por não considerarem em profundidade e extensão a complexidade dos fenômenos históricos, sócio-políticos e culturais que resultaram na formação da língua portuguesa do Brasil, procuram através do resgate de eventos históricos ou de “heróis” forjados construir uma identidade. No entanto, argumenta a pesquisadora, a ponte que une os elementos ou “símbolos” responsáveis pela construção de uma identidade e pela consolidação de um conceito de soberania não se sustenta por meio da língua (linguagem), considerando que ela é fruto de uma mescla de raças e povos. Sendo assim, os movimentos que procuram na uniformização das línguas assegurar valores nacionais, segundo Chaui, caem na armadilha de posturas colonialistas e totalmente contrárias aos preceitos democráticos.

Carlos Alberto Faraco, em seu artigo “Nacionalismo Requentado” (Folha de São Paulo, 1º de julho de 2001), ao criticar severamente o Projeto de Lei nº 1676/1999, do Deputado Aldo Rebelo, também ressalta a intempestividade dos ideais nacionalistas e suas vinculações com as questões linguísticas. Ele chama atenção para a propagação de tais ideais em outros países e, ao analisar a situação dos emigrantes latino-americanos nos Estados Unidos, cita como exemplo de antiestrangeirismo o movimento *English-only*, que tratava de defender a língua inglesa da influência de outras línguas estrangeiras, sobretudo do espanhol, utilizado por mais ou menos 35 milhões de hispano-falantes, por meio de processo legislativo.

## Considerações finais

A perda de muitos referenciais até então responsáveis pela manutenção de um *statu quo res erant ante bellum* (estado em que as coisas estavam antes das guerras) tornou-se uma espécie de obstáculo



à vida harmoniosa dos indivíduos em sociedade. Em consequência, os grupos dispostos a identificar possíveis focos disseminadores de ideais contrários à subordinação e controle das individualidades, objetivos inerentes aos projetos nacionalistas, surgem para resgatar e para defender bens e valores indispensáveis à preservação da “ordem” e do “bem-estar” social.

O deslocamento de programas políticos elaborados em descompasso com as necessidades da sociedade moderna, em face da incapacidade de seus membros para interpretar corretamente os desafios dos novos tempos, lançou apelos nacionalistas essencialmente negativos e exclusivistas. Na sua maioria, as ações contidas nesses programas visava a proteção de um conjunto de bens e valores próprios de determinados grupos ou nações em detrimento de outros.

Neste contexto, e implícitos à ideia de nacionalismo, surgem em várias partes do mundo movimentos apegados a um “purismo linguístico”, portanto, voltados para a defesa de um idioma que rechaça a influência de outras línguas estrangeiras evitando, desse modo, os empréstimos linguísticos e os estrangeirismos. Assim, e do ponto de vista dos fenômenos linguísticos, denomina-se antiestrangeirismo esse movimento de resistência às influências que uma determinada língua sofre, em decorrência de situações de contato com outras línguas estrangeiras.

## Referências bibliográficas

- Badiou, A. (2007). *O século*. Trad. Carlos Felício Silveira. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Bassetto, Bruno F. (2001). *Elementos de filologia românica*. São Paulo: EDUSP.
- Chauí, M. (2000). *Brasil mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Coutinho, Ismael de Lima (1976). *Pontos da gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Hauy, A.B. et al. (1989). *História da língua portuguesa I. Sécs*. São Paulo: Ática.
- Hobsbawm, E. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. Trad. Maria Célia Paoll y Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. (2002). *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ilari, R. (1992). *Linguística românica*. São Paulo: Ática.

- Câmara JR, J.M. (1986). *Dicionário de filologia e gramática: Referente à língua portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes.
- Schmitz, J.R. (2016). *A língua portuguesa corre perigo?! 2000*. Disponível em: <http://www.comciencia.br/presencadoleitor/artigo5.htm>. Acesso em 16 maio 2016.
- Schmitz, J.R. (2016). A crise da língua portuguesa: Uma visão crítica e criteriosa. *O Escritor Jornal da União Brasileira dos Escritores, São Paulo*, 90: 4. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/crise.html>. Acesso em 16 maio.
- Schmitz, J.R. (2016). Palavras estrangeiras e língua portuguesa: invasão cultural ou desenvolvimento técnico-científico? Cliban – *Revista de Cultura, Recife*, p. 42-46, maio 2000. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/lingport.html>. Acesso em 16 maio 2016.
- Schmitz, J.R. (s.f.). *Algumas considerações sobre o projeto de lei nº 1676, da autoria de Aldo Rebelo (PC do Brasil) e a recepção do mesmo na cidade de São Paulo e no interior do Estado*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/ENPLE.html>. Acesso em 16 maio 2016.
- Teyssier, P. (2004). *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes.
- Todorov, T. (2002). *Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX*. Trad. Joana Angélica d’Davila. São Paulo: Arx.
- Scholes, R.; Kellogg, R. (1997). *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

Recepción: Agosto 22 de 2018

Aceptación: Noviembre 02 de 2018

### **Maria Ivonete Santos Silva**

Correo electrónico: [missilva@ufu.br](mailto:missilva@ufu.br)

Brasileira. Doutora em teoria literária pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/SP), com pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIT-UFMG); professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG), atuando na graduação como professora de literatura latina clássica desde 1993 e no programa de mestrado em teoria literária ministrando disciplinas da área de teoria e crítica literárias.



*Retrato de la infancia 2. Fotografía de Miguel Murillo (fragmento).*